

FERNANDA, A MÁRTIR

Uma jovem com 18 anos, orfã de mãe, por motivo da sua pouca sorte com o primeiro namorado, deixou tudo na vida, para professar e ser freira. Emoção, entusiasmo e sentimento



Com resposta imediata
Ele recebe uma carta
Com grande satisfação
Escolha o dia que quiser
Estou pronta para saber
Qual é a sua intenção

Num domingo de manhã
No adro da igreja está
José todo radiante
Esperando o momento
Para fazer seu juramento
Quando surge nesse instante

Fernanda com sua mãe
E logo atrás delas vêm
Antônio com um irmão
Ao ver José por ali
Cumprimenta-o e sorri
Mas com fraca intenção

Deu o resultado pior
Uma conquista d'amor
Que José não esperava
Porque Antônio seu amigo
Tornou-se seu inimigo
Fernanda também amava

Escreveu-lhe um dia José
Uma carta de boa fé
Declarando seu amor
A Fernanda em que podia
Uma entrevista no dia
Que ela achasse melhor

José depois que assistiu
A missa logo saíse
De Fernanda acompanhado
Namoro assim lhe pediu
Ela sincera anuiu
Foi assunto arrumado

Seguiu-os de perto Antônio
Levado pelo demônio
Até uma encruzilhada
Sem José se aperceber
Do que iria acontecer
Foi ferido à paulada

Esse covarde fugiu
Nunca mais ninguém o viu
E José p'rô hospital
Para sua infeliz sorte
O caso era de morte
E morreu para seu mal

Antônio fugiu para França
Onde tinha alguma esperança
De gozar a liberdade
Andaram à sua procura
Com mandados de captura
E foi preso numa cidade

Depois foi extraditado
E então veio anunciado
O seu nome nos jornais
Lembrou-se Fernanda agora
Que souu a sua hora
Ir falar dele aos seus pais

Quis saber qual razão
De tão grande maldição
Para dois jovens se perderem
Dos pais de Antônio ouviu
Palavras que a feriu
Depois disto lhe disserem

Oíça menina Fernanda
O destino é quem manda
Não somos ninguém no mundo
Luto e lágrimas de dor
É de tudo o pior
É um desgosto profundo

Peça a Deus só que nos valha
O meu filho foi canalha
Teve ciúmes por si
Tinha-lhe amor disse a mãe
A razão aí a tem
Foi tudo que percebi

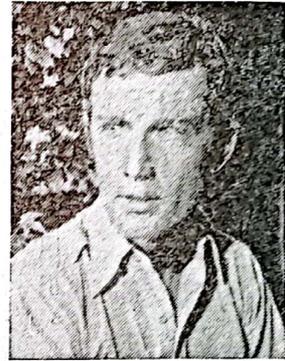
Valha-me N. Senhora
Não percebo nesta hora
Comigo nunca namorou?
Confesso e até lhe digo
Se era do José amigo
Para que é que o matou

Com seu filho só lidei
Quando na escola andei
Era ainda pequenita
Tinha nove anos ou dez
Por isso o que ele fez
É que me traz aflição

Até mesmo em criança
Nunca lhe dei confiança
Para ele gostar de mim
Por isso o meu coração
Chora ao ver um na prisão
E o outro ter tão mau fim

Ainda não fui pecadora
Por isso a Nossa Senhora
Rezo para me proteger
Se sou louca ou é asneira
Muito breve hei-de ser freira
Num convento hei-de morrer

Com 18 anos de idade
Digo adeus à mocidade
E só para Deus vou viver
Já não tenho minha mãe
E meu pai esse também
Acabo por o esquecer



Livros da Coleção Portuguesa

- Amores no Campo
- Serões da Beira
- Rosa do Adro
- Sozinha
- Nocturnos
- Os Fidalgos da Torre
- Miniaturas
- Uma Alma de Mulher
- Perfil do Marquês de Pombal
- História de uma vida
- Surpresa Bendita
- Maria Luísa
- A Fidalguinha da Levada
- Fremito
- Solar da Boavista
- A Severa
- Refugiada
- Alvorada
- Helena
- Amaram-se na Selva
- Os Fidalgos da Casa Mourisca
- Fátima Terra de Fé
- Cartas a uma Noiva
- O Morgado dos Vales
- O Balio de Leça
- A Luta
- Pecado que Redimo
- Um Homem de 50 Anos
- Serões no Campo
- Prometida
- Bodas Vermelhas
- O Moinho de Vale Formoso
- As Meninas da Fonte da Bica
- Sacrifício Abençoado
- Sotavento
- Um Divórcio
- Alma sem Medo
- Uma Família Portuguesa
- Casa Queimada
- Amor da Perdição
- Triunfo
- Prometida

CADA VOLUME 25\$00

PAI ATRAÍDO

CASO COMOVEDOR. Um pobre pai que tinha três filhos, dois rapazes e uma mocinha, foi atraído pelo seu filho mais velho

José que três filhos tinha
Dois rapazes e uma mocinha
Viúvo tinha ficado
Uma companheira arranjou
Que na sua casa entrou
Mas teve um fim amargurado

Foi o pai para a prisão
E a mulher com razão
Quis ao povo explicar
E o mais novo então
Ao ver morto o irmão
Tenta a madrasta matar

Foi ao fim de 4 meses
Que ela sofreu os reveses
Debaixo daquele tecto
O rapaz mais velho gostava
Da madrasta a quem amava
E tinha já um projecto

De casa ela fugiu
Mas num sítio ármo caiu
Com uma grande aflição
Para sua infeliz sorte
Ali encontrou a morte
Súbita, do seu coração

Um dia disse-lhe a rir
Temos os dois que fugir
Custe lá o que custar
O meu pai já está velho
Portanto este conselho
É de quem a quer ajudar

Depois que o caso se soube
Nesse lar nunca mais houve
Um minuto de sossego
A filhinha ao pai escreve
Uma carta aquele recebe
Muito triste no degredo

Resolva tudo quanto antes
Porque o meu pai tem amantes
A quem não pode esquecer
E nós dois casaremos
E felizes viveremos
Nova vida vamos ter

Só choro querido paizinho
Já não tenho o carinho
Que era seu nem da madrasta
Que triste viver o meu
Só peço a Deus do Céu
Ir para junto da mãezinha

RESPOSTA PRONTA DESSA MULHER

Eu sou uma mulher séria
Não sou nenhuma galdéria
Nem aquilo que presumes
Deixa-nos viver em paz
Porque o teu pai é capaz
Duma asneira; com ciúmes

Esse pobre pai como louco
Resolveu dali a pouco
A sua situação
Tantos desgostos sentiu
Que nunca mais resistiu
E assim morreu na prisão

Estava o destino traçado
Pois ali num quarto ao lado
O pai dele tudo ouviu
Essas propostas de amor
Causou-lhe certo rancor
Contra o filho reagiu

Ao romper da alvorada
Quando fizeram a chamada
Esse homem não respondeu
Partiu para a eternidade
Sem remorsos ou saudade
Do filho que o perdeu

Numa luta entre os dois
Morreu o rapaz depois
De ficar muito ferido
Toda aquela vizinhança
Reclamava vingança
Sem conhecer o motivo

A menina Maria Isabel
E seu irmão Manuel
Vivem juntos no mesmo lar
Têm muitos benefactores
Que mitigam suas dores
Para nada lhes faltar

Sinceridade e Coragem duma mulher casada em honra de seu marido

S. MARCOS

O caso que vou contar
É digno de apreciar
Deu-se com uma mulher casada
Pois tinha o homem ausente
E filha de boa gente
Senhora muito estimada

A pobre mulher coitada
Ficou toda horrorizada
E começou a chorar
Prefiro ir p'rã cadeia
Mas cá na minha ideia
Ele tem de mas pagar

O marido era pedreiro
Pensou ir para o estrangeiro
Teve sempre na lembrança
Para o seu pão ir ganhar
Tratou de legalizar
E então lá foi p'rã França

Para o marido escreveram
E assim o convenceram
Que a mulher tinha mau porte
Els à terra regressou
E de noite se ocultou
Para à mulher dar a morte

Havia um vizinho perto
Chamado José Alberto
E com quem ela se dava
Dele fazia confiança
Ele arranja uma vingança
E de Rosa se gabava

O marido à porta batia
Ela de dentro dizia
Responda diga quem é
A uma hora morta
De noite não abro a porta
Pois há gente de má fé

Para um vizinho se gabou
Que dentro de casa entrou
E que fez quanto quis
A toda a hora e a todo instante
Que dele era sua amante
Dizia o Alberto Dinis

E ele tanto insistiu
E ela até que se vestiu
De espingarda na mão
Ela então desconfiou
Dois tiros lhe disparou
Deixando-o morto no chão

O vizinho ainda lhe diz
Tu andas com parvoice
Vê lá toma cuidado
Olha que a Rosa é casada
Foi sempre mulher honrada
Pode dar mau resultado

Quando viu que era o marido
Quase perdeu o sentido
Ficou horrorizada
Foi a casa do Alberto
Com dois tiros de bem perto
Junto ao chão ele tombava

Mas dizia o Alberto
Afirmava todo esperto
Acredita podes crer
A casa lhe vou rondar
Para te justificar
A porta lhe vou bater

Esta mulher corajosa
Chamada Maria Rosa
Senhora muito estimada
A prisão se entregou
Onde ela tudo contou
Tudo aquilo que se dava

Uma vizinha defronte
Quando ia para a fonte
A conversa escutou
Então a Rosa avisava
Que o Alberto a difamava
E que dela se gozou

Depois do Alberto matar
Maria Rosa a chorar
Ela então respondeu
Mulheres tomai sentido
Respeitai vosso marido
Como eu respeitei o meu

Faça os seus pedidos a: **R. C. Fernandes** — Rua dos Bragas, 140 — Telefone 28239 — PORTO
Envie junto ao pedido notas de 20.00, 50.00 e 100.00, ou selos fiscais de 1.00, 2.50 e 5.00 — Não envie à Coabrança

Tip. Colégio dos Órfãos — Porto